

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia de Produção

1**ARTIGO**

Cientistas descobrem por que tomates vistosos não são saborosos

7**ESPECIAL**

Muita festa sobre o palco

8**CONTO**

Conto de escola – Machado de Assis

4**ENTRE PARÊNTESIS**

Galgo × coelho

7**ENTREVISTA**

Maurício Kazuo Hirata

“Etapa, Poli e consultoria me deram a base para me virar bastante no mercado de trabalho.”

Maurício Kazuo Hirata formou-se no Etapa em 2002 e na Poli, em Engenharia de Produção, em meados de 2008. Trabalha como analista na Accenture, uma consultoria em gestão de negócios, onde começou como estagiário em 2006. Aqui ele conta as razões de ter escolhido Engenharia de Produção e como é o trabalho em uma consultoria – que, diz, está lhe dando “o privilégio de conseguir tanto um cargo profissional como uma remuneração que eu não esperava neste momento da vida”.

JC – Você prestou quais vestibulares?

Maurício – Além da Fuvest, prestei Unicamp, para Engenharia de Computação, e FGV, para Administração de Empresas. Fui aprovado em todos.

Engenharia e Administração. Você estava em dúvida sobre qual carreira seguir?

Estava com bastante dúvida entre Engenharia e Administração. Tinha vocação para ir para Exatas, sempre fui bem em Matemática, Física, Química, e não ia tão bem nas matérias de Humanas. Eu sabia que Administração era um curso bem genérico, mas tinha mais facilidade com números, o que me levou a escolher Engenharia.

Na Engenharia, por que escolheu Produção?

Engenharia de Produção proporciona uma formação ampla, na qual você pega os principais elementos do curso de Administração mais aplicáveis a empresas. E tem bastante matéria técnica, dá uma base de Exatas, cálculo e raciocínio lógico muito forte, que o mercado valoriza.

Como veio estudar no Etapa?

Por indicação de amigos que tinham irmãos que estudavam aqui e todos falavam muito bem do Etapa. Foi uma decisão minha e meus pais apoiaram. O Etapa era muito renomado, tinha um grande número de aprovações, eu via o colégio se destacando nos vestibulares, nas olimpíadas de Matemática.

Aqui, no 3º ano, você mudou alguma coisa no seu método de estudo ou manteve o que vinha fazendo?

Eu estudava bastante desde o 1º ano. Como treineiro, fui aprovado na Fuvest no 1º colegial e no 2º, mas eu sabia que não dava para relaxar no último ano. No 3º ano eu acrescentei o Reforço para o ITA, que era um treino mais intenso para prestar o vestibular. Estudei para caramba, fiz o reforço, simulados, achava tudo isso fundamental.

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar direto?

Eu estava confiando que ia passar. Aqui no Etapa eu fiz tanta prova de simulado e tantos treinamentos que a prova da Fuvest foi como outro simulado.

Que treinamentos?

Embora eu nunca tivesse me destacado em olimpíadas, participei dos treinamentos do Etapa para a Olimpíada Brasileira de Física e para a Olimpíada de Matemática. Mesmo ficando bem aquém do pessoal que ganhava medalha, participava porque eu gostava de Matemática e de Física.

Como foi o início na Poli?

Impactante. Você pensa que está difícil aqui no 3º ano, mas lá, além de ter matérias que você nunca viu, a dificuldade sobe um degrau. E os professores têm outra didática. Aqui no colégio, os professores, excelentes, ensinavam direitinho. Na

faculdade, o professor não está preocupado se você vai bem na prova, ele quer que você entenda o conceito da matéria. A preocupação dele é preparar você para o mercado de trabalho. Eles colocavam a matéria na lousa, explicavam e davam referências. Depois era você que tinha de ir atrás dos livros para entender melhor as matérias. Isso exigiu autodidatismo e senti dificuldade no primeiro semestre.

Quanto tempo demorou para se adaptar?

Isto aconteceu mais no fim do segundo semestre. Eu tinha de estudar tanto quanto estudava para o vestibular, até mais, porque me preocupava a possibilidade de não conseguir a área que eu queria. Cada Grande Área tinha uma nota mínima para entrar no fim do 1º ano. E no 2º ano, para escolher a ênfase, você tinha também de ter uma média. A nota do vestibular contava como uma parcela da média no 1º ano para escolher a Grande Área, mas depois só as notas da Poli no 1º e no 2º ano levavam para a especialidade.

Como você se decidiu por Engenharia de Produção?

Eu entrei na Poli querendo Engenharia Elétrica, depois concluí que não era bem o que eu queria. Outra área em que eu pensava dentro de Elétrica era Computação, mas no começo do 2º ano eu vi que os profissionais de Produção eram destacados no mercado. Assisti a algumas palestras dentro da Poli e percebi que o engenheiro de produção tem muito mais campo no mercado de trabalho – e isso me levou a definir a escolha. Engenharia de Produção é a que capacita você como administrador mesmo, com visão de diversas áreas da empresa.

Na Produção, você chegou a ter dúvida quanto a sua escolha?

Uma vez que entrei na Produção não tive mais dúvida de que fiz a escolha certa. Outro grande motivo por que Produção me completou como profissional é que, na Poli, os professores fazem parte da Fundação Vanzolini, que está ancorada na Engenharia de Produção. Os professores da Produção são consultores dessa fundação. Por atuarem no mercado de trabalho, eles estão ligados ao que está pegando no mercado, quais as dificuldades das empresas atualmente. Eles traduzem isso de alguma forma para o curso. Eles adaptam o curso à realidade do mercado.

De qual ano você mais gostou?

Gostei mais do 4º e do 5º ano, quando comecei a estagiar. É muito diferente ver as coisas na sala de aula e começar a ver os problemas no dia a dia. Tem de ter um bom jogo de cintura para resolver os problemas das empresas. Você aprende a se virar em outro nível, tem de lidar com pessoas, negociar, convencer que a sua solução vai ajudar.

No último ano na Poli, qual era sua maior preocupação?

Estava mais preocupado com o mercado de trabalho do que em fechar a Poli. Esse foi um dos motivos de ter adiado meio ano a conclusão do curso. Eu me dediquei mais ao trabalho do que à faculdade e atrasei o trabalho de formatura.

Tem TCC no 5º ano?

Tem. Na Produção a gente chama de TF, Trabalho de Formatura. Era individual e de alguma forma relacionado a algum trabalho, à aplicação em empresas.

Qual foi o tema de seu trabalho de formatura?

Eu me baseei em um dos projetos em que trabalhei no estágio que fazia na época na Accenture, uma consultoria em gestão de negócios, TI e implantação de sistemas. Meu TF foi na área de custo-padrão. É um conceito de contabilidade. Foi o estabelecimento do custo-padrão para instalação e expansão da rede de gás.

Durante o curso, onde você fez estágios?

Eu comecei a estagiar em 2006, no primeiro semestre do 4º ano, na Setec, uma consultoria ligada a sistemas de gestão da qualidade, que é um dos braços da Engenharia de Produção. Ainda naquele ano, fiz uma entrevista na Accenture, passei e mudei de estágio. Fiquei de setembro de 2006 até junho de 2008 como estagiário na Accenture e aí fui contratado como analista. Sou consultor lá. É uma empresa global, é diferente, a formalidade é maior, os clientes são grandes, suas responsabilidades são muito maiores. Você acaba fazendo projetos diferenciados. Já entrei em projetos para sete ou oito empresas, todas elas top 50 de faturamento nacional.

Nos projetos, você fica alocado no cliente?

Fico alocado direto no cliente. Vejo quais são os problemas da área e para resolvê-los a gente está ali no dia a dia em reuniões com diretores, gerentes. Aí é que eu sinto que minha formação em Engenharia de Produção fez a diferença mesmo.

A realidade da carreira é muito diferente do que você via na faculdade?

São duas as diferenças fundamentais. Uma é que você é colocado numa situação em que o tempo todo é avaliado por resultados, seja para o cliente, seja para seus superiores. Os contratos são atrelados a metas que você tem de cumprir. Outra é que, além de postura, formalismo e desafios, você pega problemas que não têm soluções únicas. Na faculdade, a maioria dos problemas que a gente enfrenta, em provas, etc., tem uma solução, o professor sabe a resposta. Nas empresas há problemas cuja solução ninguém sabe. Além de achar a solução ideal para cada cliente, há questões de barreira política. Às vezes você está entregando uma solução que ajuda uma área, mas pode estar denunciando que outra área é menos eficiente. Começa a encontrar barreiras no trânsito de dados. É um desafio.

Como está o mercado de trabalho hoje, na sua área?

O Brasil, em 2008, 2009, sofreu uma baixa em consultoria. Mas em seguida teve um crescimento muito forte. O mercado de trabalho deu um *boom* em 2010, 2011. Está um período bem intenso para o mercado de trabalho, superprocurado, como era antes. No meu 5º ano, todos estavam estagiando, uma turma de 70, dos quais 50 estavam em empresas de renome, de grande porte. Dividiam-se basicamente em consultorias de diversas áreas financeiras, TI, negócios. Uma

parte da turma ia para bancos e bancos de investimento e outra parte ia para a indústria, todas peso pesado. Hoje tenho contato com parte dessa turma, estão todos bem, nível de coordenação, quase gerente, ganhando razoavelmente bem.

Como é o trabalho de consultoria?

Em consultoria, por ser uma carreira acelerada, você é exposto a mais situações de risco e desafio. É uma profissão intensa, tem de dedicar ao trabalho 12 a 14 horas por dia. É acelerada, mas recompensadora. Na minha empresa tem um limite de 50 anos. Aí é obrigado a se aposentar. Mas é difícil um cara se aposentar na consultoria, um ramo de mercado que tem uma renovação gigantesca: um terço da empresa sai nos primeiros três, quatro anos. E daí vai caindo até chegar ao diretor. É um em mil que deve ficar acima dos 45, 50 anos. Eu já passei daquele limiar em que a maioria sai. Já estou lá há quase seis anos.

Você pretende continuar na área de consultoria, fazer carreira?

Eu pretendo continuar na consultoria e estou tranquilo quanto ao restante da carreira. Etapa, Poli e consultoria me deram a base para me virar bastante no mercado de trabalho.

Depois da graduação você fez algum outro curso?

Não, mas penso fazer um MBA na área de Logística, em que atuo.

Você pretende fazer o MBA no Brasil ou no exterior?

Eu tenho a pretensão de tentar fazer um MBA fora. Há dois obstáculos, um é passar no GMAT [exame exigido para programas de administração nos EUA] e outro é verba. Na situação em que estou, verba eu conseguiria bancar. A questão é me organizar, estudar e passar no GMAT e ainda conciliar com uma carreira em que você fica 12, 14 horas, e uns fins de semana trabalhando. Se não conseguir fazer o GMAT, farei o MBA aqui.

Como você avalia sua carreira até agora?

Sinto que acelerei, dei passos que eu achava que não ia conseguir. Para ser sincero, tudo começou com uma formação sólida. O Etapa é que deu aquela virada. Começou aqui a virada-chave na carreira. No Etapa eu aprendi a ter disciplina de estudos, de esforço no trabalho.

Do momento em que se formou na Poli até agora, você acha que as coisas andaram como queria?

Andaram melhor do que eu previa. Eu não tinha ideia de uma remuneração como tenho hoje. Achava que ia demorar mais para atingir esse patamar. A consultoria está me dando o privilégio de conseguir tanto um cargo profissional como uma remuneração que eu não esperava neste momento da vida.

Com uma carga tão intensa de trabalho, como fica a vida pessoal?

É conciliável, sim. É tudo uma questão de você se programar

e agendar. Apesar de estar a semana toda em Belo Horizonte, nos fins de semana, aqui ou lá, saio à noite com os amigos. Dá para levar muito bem o lado profissional e pessoal. O que pega um pouco em consultoria – mas não é só em consultoria – é que você tem de viajar muito. Para quem está pensando em se casar, no começo é mais difícil.

E na Engenharia de Produção, como um todo?

O principal é esforço, dedicação, disciplina. Isso é algo que aqui no Etapa é para lá de bem desenvolvido. E é fundamental para atravessar o período de faculdade. Estudar tanto ou mais do que está estudando aqui para o vestibular.

Hoje, de volta ao Etapa, o que vem de recordação?

Eu tenho ótimas lembranças daqui. Sinto saudade dos professores, dos amigos, da didática, de como os professores te preparavam. Era tudo mais ajustado para o aluno. Agora não tem mais todo esse conforto, o carinho dos professores para ensinar, ajudar. Sinto falta dessa parte.

Em termos de valores, o que você aprendeu aqui que levou para o seu dia a dia?

Aqui é bem desenvolvido o lado de disciplina e ética. Aqui os professores são pessoas comprometidas, que mostram como esse período vai fazer diferença na sua vida. Acho que os principais valores daqui são: disciplina, paciência e coragem para enfrentar todo tipo de desafio que vier pela vida.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Tenho. A gente se encontra quando estou em São Paulo. Tenho mais contato com o pessoal que também entrou na Poli. Mas tenho alguns amigos que também foram para Medicina, outras áreas.

O que você diria a quem no fim do ano vai prestar vestibular?

Levem a sério este momento, estudem bastante, sigam a recomendação dos professores, façam todos os simulados. Este é um período único, que não tem volta, vale a pena se sacrificar por um benefício superior. O Etapa dá total apoio para isso. Só tenho boas recordações daqui e, com certeza, se tiver filho eu o colocarei no Etapa. Foi um período que me ajudou bastante, me ensinou a ser esforçado e organizado para superar qualquer desafio do trabalho e na vida.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Queria dizer que os alunos do Colégio Etapa são privilegiados em relação a outros colégios ou qualquer outra situação. Aproveitem este momento, aproveitem os bons professores. Isso vai fazer diferença.